



Corpo, vestuário e efeitos de autenticidade na política brasileira: análises sociosemióticas

Body, clothing and effects of authenticity in Brazilian politics: a sociosemiotic analysis

Paolo Demuru¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530>

Felipe Pimenta Rodrigues de Oliveira²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8248-9820>

[**resumo**] Este artigo propõe uma investigação acerca dos perfis de lideranças políticas brasileiras na rede social Instagram, a fim de analisar as estratégias discursivas de construção da autenticidade centradas nos dispositivos semióticos do corpo e do vestuário. A este respeito, temos como hipótese que, sob o perfil semiótico, o valor de autenticidade é construído a partir de arranjos figurativos e plásticos capazes de investi-los de uma aura de aparente simplicidade, um simulacro do sujeito comum que posta nas redes sociais, um cidadão que goza de uma vida comum e em comum com seus seguidores-eleitores. Para essa investigação e análise contamos com o suporte do referencial teórico-metodológico da semiótica discursiva de orientação greimasiana, em particular da semiótica figurativa e da semiótica plástica, e das recentes contribuições da semiótica no estudo do populismo contemporâneo.

[**palavras-chave**] **Política. Corpo e moda. Semiótica figurativa e plástica.**

[**abstract**] This article investigates the semiotic strategies through which Brazilian politicians build an aura of authenticity on Instagram. More specifically, we focus on how they use their bodies and clothes in order to appear humble people. We argue that authenticity is constructed through figurative and plastic arrangements capable of display them as common citizens like everybody else. In order to show how this happens, we draw on the theoretical and methodological framework of Greimas' discursive semiotics, particularly focusing on the figurative and plastic dimensions, as well on the recent semiotic studies on contemporary digital populism.

[**keywords**] **Politics. Body and Fashion. Figurative and plastic semiotics.**

Recebido em: 06-06-2022

Aprovado em: 03-02-2023

¹ Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna, Itália, e em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (Unip). E-mail: paolodemuru@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1827579292867005>.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip), no núcleo de pesquisas em semiótica da comunicação política. Bolsista Capes. E-mail: felipe.pimenta@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4905789092150292>.

Introdução

Após uma crise fiduciária, caracterizada, segundo Landowski (2020), pela perda de confiança nas instituições democráticas, vivenciou-se, no Brasil, assim como em outros países do Ocidente, um distanciamento das formas tradicionais de representação e participação política. Isso exigiu, por parte de figuras políticas conhecidas, bem como dos assim chamados *outsiders*, o investimento em estratégias discursivas que os fizessem parecer diferentes do *establishment*, isto é, da política tradicionalmente entendida, aquela, por assim dizer, "de terno e gravata". Para tanto, a fim de evitar de serem rotulados como políticos de profissão, tais sujeitos buscaram se mostrar pertencentes ao "povo", assumindo um modo de presença que procura remeter à figura do "homem comum" (DEMURU; SEDDA, 2020).

As redes sociais tiveram um papel decisivo neste processo. Práticas corriqueiras como caminhar, cochilar, comer, assistir televisão, checar o *feed* do *Instagram* e *Facebook* tornaram-se meios para comunicar o antielitismo e a suposta "autenticidade" de candidatos aos mais diversos cargos das instituições das principais repúblicas do ocidente: deputados, senadores, governadores e presidentes. Por meio da exibição de seus hábitos particulares, estes conseguiram construir a imagem de pessoas simples e verdadeiras, isto é, italianos, franceses, húngaros, norte-americanos, brasileiros como todos. Pense-se, por exemplo, em figuras como o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, o líder do partido italiano Lega, Matteo Salvini ou, ainda, e o ex-premiê do governo britânico, Boris Johnson, entre outros. Tais líderes falam, mexem-se, vestem-se, tiram fotografias, escrevem *posts* como se fossem "usuários médios" das redes (GERBAUDO, 2014), "demonstrando possuir um gosto popular e uma certa similitude com as pessoas, além de aparentar uma certa proximidade com elas" (DIEHL, 2017, p. 369). Dessa forma, eles passam a serem percebidos como sujeitos "anônimos", pessoas "banais", no sentido literal do termo, isto é, sem grandes qualidades específicas (BARTEZZAGHI, 2019; SEDDA e DEMURU, 2019; DEMURU, 2021).

Apesar de ter sido apontada por muitos estudos como uma das principais estratégias comunicacionais da política contemporânea, poucas são as contribuições que investigam a fundo os processos de construção discursiva do efeito de sentido de autenticidade (FISHER; VAZ, 2020). Neste artigo, nos propomos a preencher esta lacuna. Com base na semiótica de Algirdas Greimas e na sociosemiótica de Eric Landowski, iremos explorar as estratégias discursivas por meio das quais políticos brasileiros de diversos espectros ideológicos se apresentam, em seus perfis de *Instagram*, como pessoas "comuns", "simples", "autênticas" e "espontâneas". Em particular, discutimos como esse efeito de sentido de autenticidade é construído a partir de dois eixos temático-figurativos: o corpo e o vestuário. Argumentamos também que tais valores são construídos e corroborados não apenas pelo conteúdo das imagens postadas, mas também pelo seu arranjo plástico, isto é, pelo conjunto de enquadramentos, formas, cores, texturas e outros recursos expressivos que aludem à estética amadora do "usuário médio" das redes sociais.

Corpus e metodologia

O *corpus* de análise foi extraído de 45 perfis da rede social *Instagram*, tendo como principal critério a seleção das contas dos políticos mais votados nas eleições brasileiras de 2016 e 2018. Foram considerados todos os cargos eletivos, exceto a vereança, e os dados estatísticos obtidos tiveram como fonte um levantamento realizado pelo Tribunal Superior Eleitoral (2018). O segundo critério se baseou em questões de relevância diversa no cenário político, como ex-presidentes da república, bom desempenho em eleições anteriores e expressivo número de seguidores nas redes sociais.

TABELA 1 - PERFIS DE *INSTAGRAM* SELECIONADOS E LISTADOS PELO NÚMERO DE SEGUIDORES

<i>Ranking</i>	Nome de usuário	Número de seguidores	<i>Ranking</i>	Nome de usuário	Número de seguidores
1º	jairmessiasbolsonaro	17,6 milhões	21º	tabataamaralsp	598 mil
2º	tiririca	4 milhões	22º	coroneltelhada	567 mil
3º	bolsonarosp	3,3 milhões	23º	romeuzemaoficial	461 mil
4º	flaviobolsonaro	2,4 milhões	24º	ruicostaoficial	455 mil
5º	romariofaria	2,1 milhões	25º	marcelvanhattem	370 mil
6º	lulaoficial	1,9 milhões	26º	cabodaciolo	360 mil
6º	manueladavila	1,9 milhões	27º	gleideangelo	355 mil
7º	fernandohaddadoficial	1,8 milhões	28º	mcrivella	338 mil
8º	guilhermeboulos.oficial	1,1 milhão	29º	ratinho_junior	294 mil
8º	jdoriajr	1,1 milhão	30º	fernando_francischini_	281 mil
9º	cirogomes	1 milhão	31º	maurotramontereal	161 mil
9º	marcelofreixo	1 milhão	32º	joaocampos	157 mil
10º	joicehasselmannoficial	956 mil	33º	geraldoalckmin_	126 mil
11º	kimkataguiri	942 mil	34º	jaqueswagner	117 mil
12º	janainacpaschoal	904 mil	35º	maragabrilli	77,9 mil
13º	dilmarousseff	873 mil	36º	angelo.coronel	68,8 mil
14º	joaoamoedonovo	801 mil	37º	marciofrancasp	53,8 mil
15º	camilosantanaoficial	798 mil	38º	skafoficial	39,9 mil
16º	celsorussomanno	787 mil	39º	henriquemeirelles.real	36 mil
17º	acmnetooficial	783 mil	40º	carlosgiannazioficial	33,6 mil
18º	eduardosuplicy	643 mil	41º	rodrigootaviopacheco	26,5 mil
19º	majorolimpio	637 mil	42º	martasuplicy	19,2 mil
20º	arthurmoledoval	631 mil			

FONTE: www.instagram.com. Levantamento realizado em setembro de 2020.

O recorte temporal da pesquisa contemplou o período entre 1º de janeiro de 2018 e 1º de setembro de 2020, isso porque 2018 foi um ano eleitoral importante para a recente história da política brasileira, momento em que as redes sociais desempenharam papel decisivo na definição dos cenários. Já a delimitação até o segundo semestre de 2020 nos permitiu contemplar as eleições estaduais, federais e as prévias das municipais. Definidos os perfis e delimitado o período, empreendemos a análise de cada imagem publicada no *feed* de notícias das 45 contas. Por ser

necessária a retroação em dois anos e nove meses na linha do tempo das postagens, nos focamos apenas nas imagens postadas individualmente ou as que serviam de capa para as publicações do tipo galeria, do contrário a amostragem poderia ser muito extensa para essa pesquisa.

A análise foi orientada por uma pesquisa de caráter qualitativa interpretativa e quantitativa das imagens que compõem o *feed*, não sendo considerados os conteúdos de vídeos nem aqueles veiculados nas ferramentas destaques, *stories*, *reels* e IGTV. Ao total foram analisadas 99.434 mil imagens, processo realizado manualmente por não termos à disposição *softwares* capazes de extrair e analisar os dados imagéticos do modo que pretendia a pesquisa. Nessa amostra identificamos nove estratégias específicas no tema da autenticidade distribuídas entre 3.332 imagens, entre as quais 314 apresentaram estratégias relacionadas ao corpo e 215 ao vestuário, e para melhor entendimento dos procedimentos de análise elaboramos fotomontagens com 35 imagens representativas do que tivemos como resultado.

A metodologia adotada para a análise combina a semiótica figurativa e plástica desenvolvida por Greimas (1984), Floch (1987) e Oliveira (2004) e a sociosemiótica de Eric Landowski, em particular o modelo dos regimes de interação e sentido desenvolvido pelo autor em *As interações arriscadas* (2014).

Com base neste arcabouço, buscamos identificar, inicialmente, os processos de homologação entre as isotopias plástico-figurativas e as isotopias temáticas presentes nas imagens. Precisamos, que, segundo Greimas, uma isotopia temática é a disseminação, isto é, a recorrência, ao longo de uma narrativa, de valores semânticos específicos (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Tais valores são normalmente ancorados em figuras e/ou formantes plásticos do plano da expressão, aos quais é dada a tarefa de manifestá-los. As figuras são os elementos do mundo natural reconhecíveis e nomináveis, cujo sentido é válido apenas no universo sociocultural onde estão inseridas: o corpo masculino, o corpo feminino, a mão, o braço, o mar, a areia, a água, uma camisa, uma sandália e assim por diante (GREIMAS, 1984). Os formantes plásticos são os traços *eidéticos* (curvos vs reto, redondo vs quadrado) *cromáticos* (vermelho vs azul, saturado vs não saturados), *topológicos* (alto vs baixo, englobante vs englobado, esquerda vs direita) e *matéricos* (sólido vs líquido, duro vs macio) que compõem a imagem. Tanto os primeiros quanto os segundos estabelecem correlações entre os dois planos da linguagem – no caso aqui em análise, a linguagem visual.

Em seguida, procuramos compreender, a partir do modelo de Landowski, como, por meio da produção de imagens supostamente autênticas, os sujeitos contemplados no *corpus* mobilizam, muitas vezes combinando-os entre si, regimes de interação e sentidos diversos. A este propósito, veremos que, em muitos casos, nos encontramos diante de uma dinâmica recursiva, de caráter oblíquo, que mistura os regimes da manipulação e do ajustamento: o *Instagram* proporciona um verdadeiro processo de "manipulação por contágio", aparentando aproximar os cidadãos e os políticos por meio da construção discursiva de sua suposta autenticidade.

A construção de efeitos de autenticidade na política

O corpo

Estratégias específicas de negação da política operadas principalmente pelo regime de corporeidade foram abordadas em recente investigação de Demuru e Sedda (2020, p. 2), em que os autores destacam algumas modalidades através das quais se dá a emergência da

figura do político – ou melhor, do não-político – "homem comum", a saber: o "disfarce", "o portamento" e o "mimetismo". Operados em grande maioria nas redes sociais, tais estratégias se baseiam, antes de tudo, na representação de uma certa tipologia de corpo: "um corpo que nega a postura, gestos, proxêmicas, características estilísticas e códigos estéticos da política institucional."³

A apresentação do corpo do homem comum se distancia do corpo cerimonioso do político, visto que é livre da imposição de protocolos, não é perfeito nem pretende sê-lo, e por isso seus registros não são investidos por fotos posadas e aparência cosmetizada (LANDOWSKI, 2016). Na realidade, são fotografias que permitem o entrever da vida pessoal e cotidiana. A facilidade e instantaneidade dos registros fotográficos feitos pelos *smartphones* garantem o imediato compartilhamento da rotina via redes sociais, o sujeito pode se comunicar diretamente com seus seguidores, ele é enunciador de si mesmo. Logo, enquanto estratégia de negação da política, o regime de presença do homem comum investe em hexis corporais que reforcem o efeito de sentido de distanciamento do universo da política institucional. Tal como o corpo rígido, sentado e posado no gabinete, registrado pelo outro que cede lugar a um corpo despojado flagrado deitado no sofá.

FIGURA 1 – FOTOMONTAGEM DAS IMAGENS ANALISADAS – CORPO



FONTE: Elaboração própria com base em imagens publicadas no *Instagram*, 2020.

³ Tradução nossa para: "un corpo che nega la postura, i gesti, la prossemica, e caratteristiche stilistiche e i codici estetici della politica tradizionale."

Um dos atributos do corpo do homem comum está relacionado à sua suscetibilidade ao adoecimento e finitude, ou seja, é debilitável. E essa vulnerabilidade é figurativizada por Bolsonaro em fotos publicadas no *Instagram* após sofrer um atentado na cidade de Juiz de Fora, no dia 06 de setembro de 2018, período em que estava em campanha eleitoral. Em uma série de registros de suas internações hospitalares, seu corpo abatido é fotografado em diferentes ângulos, em pé, deitado, sentado, andando amparado pelos corredores, imagens que se assemelham às pinturas de Jesus a caminho do calvário. O dorso nu revelando uma pele senil com hematomas (Fig. 1, Im. A), rosto abatido e olhar perdido, cabelos despenteados e postura corporal marcada por ombros arqueados, além dos inúmeros aparatos médicos como a sonda nasogástrica responsável pelo suporte alimentar, o cateter de oxigênio para auxílio na respiração e os eletrodos de monitorização cardíaca, figurativamente compõem a isotopia temática da fragilidade e da doença. Bolsonaro, ao se mostrar fisicamente frágil, contudo, não parece menos popular ou capacitado para o exercício político, ao contrário, aparenta mais humano e próximo ao corpo do povo, efeito de sentido produzido pela trama plástica e figurativa das imagens e reforçado em entrevistas, por exemplo, quando questionado sobre um novo procedimento cirúrgico: "Eu devo ser submetido a uma cirurgia brevemente. Mas faz parte da vida da gente" (LOPES, 2019, n.p.).

Como Bolsonaro, outras personagens políticas originadas do meio militar compartilharam registros com a recorrência dos mesmos arranjos plásticos e figurativos. Os parlamentares Ângelo Coronel (Fig. 1, Im. B) e Coronel Telhada (Fig. 1, Im. C), aparecem em fotografias com baixa resolução de imagem e tons amarelados, o corpo vulnerável com a pele exposta revela um cromatismo que parece se estender e se misturar com os tons de bege do ambiente, têm seus corpos envoltos em um emaranhado de suportes médicos, tecidos débeis e amarrotados das camisolas e roupas de cama hospitalares: Um corpo nu (e cru), cujo hematomas aparecem. Um corpo que voluntariamente expõe seu sofrimento e fragilidade, mostrando-se como um "corpo comum mortal", o corpo de um homem cuja vida, como a de todos, é destinado, um dia, a acabar.

Conforme vimos, o regime de presença do homem comum busca se mostrar em estado natural, livre de roteiros, como se negasse a imposição de uma encenação, o abandono de qualquer formalidade, recusa corporal e gestual que manifesta uma possível aversão a determinados valores da política tradicional, figuras mais cotidianas, mas ainda bufonescas em certo grau.

Daí o privilégio concedido ao somático, como modo de expressão "natural", não falsificado, por oposição aos artifícios da linguagem. O bufão não se limita, com efeito, a desmistificar dia a dia certos aspectos da atualidade política por propósitos (e, de preferência brincadeiras) que revelam supostamente o absurdo, a insignificância ou as imposturas dela; ele tem sobretudo o gênio, por assim dizer físico, de rebaixar o jogo político em seu conjunto, representando-o de novo à sua maneira, ao mesmo tempo esteticamente (segundo uma estética do mau gosto, evidentemente) e no plano da estesia, traduzindo e, se possível, tornando contagiosa a própria repugnância pela adoção sistemática de uma hexis corporal voluntariamente chocante (LANDOWSKI, 2016, p. 205).

O homem comum, enquanto regime de presença, não é suficientemente indelicado e incivil ao ponto de chocar, sendo talvez essa a principal distinção em relação ao bufão, "o homem comum sorri e gesticula de maneira informal, contudo suave, de maneira relaxada e sem criar constrangimentos" (DEMURU; SEDDA, 2020). Já o bufão opera uma subversão mais explícita e agressiva como nas gargalhadas e gestos de Bolsonaro simulando armas com as mãos, ou ainda a performance de palhaço investida pelo parlamentar Tiririca.

O despojamento do parlamentar Kim Kataguiri deitado de bruços (Fig. 1, Im. K), com parte da cueca à mostra e Bolsonaro no sofá (Fig. 1, Im. L), deixando entrever parte de sua bolsa coletora no abdômen, revelam sujeitos despreocupados com a aparência, livres de vaidade, registros flagrantes do cotidiano que contribuem para reforçar o aspecto de naturalidade e espontaneidade do homem comum. Uma rotina atarefada que pode levar qualquer corpo comum à exaustão requer momentos de repouso até mesmo para o chefe de Estado (Fig. 1, Im. M), que provavelmente exausto cede ao cochilo no sofá e sem tempo hábil de tirar os óculos e o calçado adormece de modo desconfortável. Com as persianas iluminadas pelo dia, se cria o clima de descanso pós almoço em meio ao expediente, hábito daqueles que trabalham perto de casa. Todavia a legenda que assinala o feriado reforça o sentido de que até mesmo nesses dias ele não tem folga, um trabalhador como muitos: "Curto descanso após mais alguns compromissos! Bom final de feriado a todos!"

Livre dos protocolos, o corpo experimenta ângulos diferentes no modo de estar (Fig. 1, Im. D, E, F, G, H, I e J): surgem curvas sinuosas, diagonais, entorses, flexões dos membros, o corpo rígido e ereto dá lugar à flexibilidade e maleabilidade física, que serve de estratégia discursiva ao sugerir igual flexibilidade no modo de ser. Tal encenação do corpo político é pouco vista em público, e ainda menos nos veículos de mídia. Apesar disso, esse modo de presença parece criar um efeito de proximidade, um ajustamento em que o corpo não é contemplado somente à distância, mas sentido, vivido e compartilhado. Bolsonaro, que às vezes mostra uma hexis corporal militar, caracterizada por traços retilíneos, eretos, rígidos, firmes, inflexíveis, angulares e ortogonais, ao surgir enquanto homem comum apresenta curvas suavizadas e protuberâncias como as de sua barriga, aspectos de naturalidade e modéstia de uma pessoa que não teme mostrar as próprias imperfeições (DEMURU; SEDDA, 2020, p. 6).

Por vezes, o sujeito transita entre a figura do político de profissão e a do homem comum, como a ex-parlamentar Manuela d'Ávila (Fig. 1, Im. F) que troca o tênis pelo sapato de salto alto antes de entrar em um compromisso político. Na legenda da imagem publicada, ela escreve: "Bom dia!!! Eu ia postar uma foto trabalhando na Assembleia Nacional Francesa e vocês iam achar que eu só ando no salto Paris afora. Aí a @cristinaley decidiu mostrar a vida real: o salto alto é só da Assembleia pra dentro." Neste caso, a isotopia da autenticidade se manifesta tanto no verbal quanto no visual, uma enunciação sincrética que brinca com a questão do dentro e fora, do tira e põe, a vida real e a vida política, uma tentativa de separação entre o público e o privado. Ainda que a troca de calçado aconteça na área externa da Assembleia, a mesma mulher comum que troca um tênis preto de modelo simples, sentada de forma improvisada e desconfortável em uma mureta, com os pés expostos tocando o asfalto sujo, tirando um salto com a sola desgastada de um saco de pano, será a política que ocupará um espaço de poder em seguida. Ou seja, embora sua postagem queira apontar para a existência de figuras diferentes, ao expor a "troca de pele" nas redes, ela parece diluir as fronteiras e anunciar que se trata da mesma pessoa, mas que a mulher comum prevalece.

O corpo distenso nem sempre é registrado no ambiente doméstico, o que seria mais comum às vezes se mostra nos espaços oficiais da política, como o parlamentar Eduardo Suplicy (Fig. 1, Im. I), que durante coletiva de imprensa quase deita ao chão junto a jornalistas e fotógrafos. Seus gestos não parecem ensaiados e sua fisionomia é amistosa, como se a situação tivesse simplesmente acontecido. Ele não parece ter se jogado ao chão para causar *frisson*, buscava apenas se acomodar entre a audiência, produzindo um efeito mais de "gente como a gente" do que de alguém indelicado. Desse modo, reforçamos o entendimento de que a figura do homem comum e do bufão se diferenciam quanto à encenação de si.

FIGURA 2 – FOTOMONTAGEM DAS IMAGENS ANALISADAS – CORPO



FONTE: Elaboração própria com base em imagens publicadas no *Instagram*, 2020.

O regime de presença pretensamente autêntico costuma se construir pelo simulacro de uma rotina de vida simples, em que o corpo se mostra dinâmico e real ao máximo, sendo uma das principais estratégias a exposição de partes desnudas, como dos pés descalços ou com chinelos (Fig. 2, Im. D, E, F e H). Ainda que parcial, a nudez pode chocar por estar associada à intimidade e também à provocação, como no caso de alguns protestos feministas. Mas nesse contexto emerge um novo significado; corpos à mostra, livres, confortáveis, despojados e inofensivos de um sujeito autêntico o suficiente para se deixar ver assim. Afinal, para uma visita à praia a fim de tomar banho de sol ou mar é preciso despir-se, contudo o que notamos é uma tentativa de despir-se também da figura política, e nesse caso é o corpo nu que manifesta a alegada não adesão à classe política (DEMURU; SEDDA, 2020, p. 7).

Tendo em vista que o sentido de uma roupa se completa ao vestir um corpo (OLIVEIRA, 2007, p. 24), o que dizer sobre as transparências e os tecidos que recobrem o mínimo possível, revelando grande parte da superfície da pele? Quando vestidos em trajes formais de alfaiataria, item comum nos guarda-roupas dos políticos, os corpos se mantêm recobertos e de certa forma ocultados por tecidos espessos que criam um efeito de inacessibilidade e robustez, sentidos e valores transferidos ao sujeito. Então compreendemos a pele e também a roupa, enquanto instauradoras de limites físicos e conseqüentemente relacionais, dessa forma a nudez parcial pode sugerir certa receptividade e intimidade.

De tentativa em tentativa, no contínuo ajeitar a aparência, depreende-se do pôr e tirar do corpo as roupas que a própria pele é já a sua primeira vestimenta. Cobrindo a estrutura anatômica de ossos e músculos, que edificam a conformação tridimensional do corpo em um tempo e espaço, a pele tem cores, tons e, graças aos salões de bronzeamento, aos cremes, ou ainda recorrendo aos *liftings*, ou aos *bisturis*, essa veste primeira pode ser remodelada e transformada com as formas da sua estrutura anatômica ou só em sua elasticidade mais ou menos estendida, em seu tom mais ou menos branco, amarelo claro, escuro, esverdeado, acinzentado, acobreado, avermelhado, ou um tom mais ou menos preto. Como todo tom tem luminosidade ou opacidade, introduz-se uma outra variável da determinação cromática (OLIVEIRA, 2007, p. 26).

Talvez distantes da estética do corpo do homem comum, mas ainda apelativos, corpos atléticos como do parlamentar Arthur do Val (Fig. 2, Im. A) e dos filhos de Bolsonaro (Fig. 2, Im. E) ainda produzem certa identificação entre os amantes de academia e práticas esportivas no *Instagram*. Assim como os parlamentares Joice Hasselmann e Romário Faria (Fig. 2, Im. B, C e F), que exibem um corpo modificado após questões de saúde, ela que emagreceu cerca de 15 kg em cinco meses (SARZI, 2020) e ele que perdeu 10 kg após um tipo de cirurgia bariátrica para auxiliar no controle do diabetes (O Estado de São Paulo, 2017).

Na vida e na política, portanto, são múltiplos e diversos corpos que se modificam, engordam, emagrecem, envelhecem e adoecem, e especialmente a trama narrativa de Joice nos revela como os papéis temáticos podem se inverter repentinamente. Após a desfiliação de Bolsonaro do Partido Social Liberal – PSL e do rompimento da relação entre ambos, Joice, que teve problemas de saúde e testou positivo para Covid-19 (ISTOÉ, 2020), ressurgiu saudável e mais magra, um enredo marcado por três atos: decepção política, doença e libertação. Ainda enquanto líder do governo na câmara e aliada de Bolsonaro, eles faziam parte de um mesmo corpo, aquele da guerra contra a corrupção e alternativo à velha política. Depois da ruptura e do adoecimento, ela ressurgiu livre do mal, saudável e se torna opositora daquele que agora representa a velha política, da qual ela é a alternativa. Joice, que após a ruptura com o governo passou a sofrer ataques na internet por parte da ala bolsonarista, chegou a ser defendida até por representantes da esquerda (AMADO, 2019).

"Política engorda, estressa, destrói com nossa saúde. Se você não estiver bem preparado, bem estruturado, especialmente para suportar toda a pressão, você acaba ou cedendo ou se machucando". Nas palavras de Joice, a política tradicional tornou-se então doença a se combater, inclusive no corpo, como ela relata na postagem intitulada: "Como emagreci 15kg em 5 meses: parte 1" (HASSELMANN, 2020). Fotografada de costas e mais magra (Fig. 2, Im. C), ela foi acusada de ter alterado a imagem ou de não ser a modelo, e para confirmar a veracidade precisou postar a versão frontal (Fig. 2, Im. B) e editar a legenda: "Ps: para quem tá perguntando, respondo: não, a foto não tem *Photoshop*. Um joelho está esticado e outro flexionado. A foto foi tirada ontem final da tarde do iPhone do meu marido. Aqui estou com todas as minhas imperfeições e perfeições, como toda mulher tem".

Um pouco mais discreta, a ex-parlamentar Marta Suplicy surge como uma mulher madura e bem resolvida que aprendeu a curtir os bons e simples momentos da vida, seu

corpo envelhecido não precisa ser escondido ou sofrer manipulações na edição de imagens (Fig. 2, Im. D). O dorso desnudo revelando a pele senil de Marta, assim como de Bolsonaro internado no hospital, revelam fragilidade e naturalidade, e contrastam, por exemplo, com a nudez do jovem corpo atlético ou bronzeado pelo sol da praia. À vista disso, a nudez pode produzir efeitos de sentido significativamente diferentes conforme o arranjo plástico figurativo, contudo seus diferentes empregos parecem configurar como estratégia discursiva para construção de uma aura de autenticidade.

Como se mostram como pessoas de verdade, os políticos não querem se esconder nas redes sociais, parecem aceitar as transformações do corpo ao longo do tempo e não se envergonham delas. Logo, um certo acúmulo de gordura na região abdominal não incomoda a ponto de escolher um traje que valorize melhor a silhueta ou um ângulo que oculte a protuberância (Fig. 2, Im. G e H). Tendo em consideração que metade da população brasileira está acima do peso (VEJA, 2019), esse regime de corporeidade é facilmente reconhecido e legitimado por grande parte dos enunciatários, porque é coerente com a realidade. A exemplo do Vice Primeiro-Ministro da Itália, Matteo Salvini, o ex-parlamentar Fernando Francischini e Tiririca (Fig. 1, Im. G e H) costumam publicar imagens semelhantes da barriga saliente, regime de presença que instaura entre eles e os enunciatários-seguidores "um reconhecimento recíproco. É a seus corpos, pois, que ele, exibindo sua ordinariedade e suas imperfeições físicas, dá voz e visibilidade" (DEMURU, 2020, p. 13).

Vestuário

Do alto da tribuna o político parece inacessível com seus trajes retilíneos de tecidos encorpados, monocromáticos e sóbrios, roupagem que oculta as imperfeições do corpo e impedem o reconhecimento recíproco. Despido dessa caracterização por estar no ambiente doméstico, o corpo vestido revela suas imperfeições, mas também gostos, preferências, intenções e sentimentos.

(...) o corpo vestido é um enunciado e uma enunciação e os simulacros de enunciatador e de enunciatário nele investidos possibilitam ao analista depreender quem é o destinador que faz o destinatário corpo vestido atuando no seu contexto, ser um sujeito (OLIVEIRA, 2007, p. 27).

O vestuário e gestual excessivamente formal parece não surtir os mesmos efeitos do passado, sobretudo nas redes sociais, o que tem motivado mudanças no modo de presença dos políticos. Na corrida eleitoral de 2016, por exemplo, Marta tentou abandonar a postura de mulher da elite e apareceu na campanha com a "cara limpa", usando pouquíssima maquiagem e pedindo desculpas pelos erros políticos do passado. Já o governador do estado de São Paulo, João Dória Jr. passou a usar roupas mais casuais e até um tênis esporte fino (SANTOS, 2016).

A mudança do modo como o corpo é exposto pode estar relacionada à extensão do espaço político ao ambiente doméstico e às facilidades de registro fotográfico promovidas pelo uso de *smartphones*. A oportunidade de comunicação direta e em tempo real com seus

eleitores, dispensa a busca por cenários e trajes, não há intermediários ou necessidade de assessoria de imprensa ou imagem. O sincretismo plástico entre o corpo e as roupas produz um sentido de despojamento e relaxamento inesperado à sujeitos incumbidos de tarefas tão sérias e árduas em prol do coletivo; esperávamos um corpo e gestual mais tenso, contido, e vestuários característicos aos espaços da política institucional. Contudo, a formalidade cede espaço à liberdade e conforto, emergem corpos que não atrelam mais seriedade ou credibilidade a certas escolhas da moda, e ainda corpos apolíticos que parecem se negar a cumprir os protocolos e códigos de etiqueta.

Numa relação de pressuposição com o vestir-se para si ou subjetal, ocupa a posição de sub-contrário, no mesmo eixo, um ser que veste a roupa pelos seus fins práticos. A roupa cumpre o seu papel de instrumento de vestir o corpo, ou o seu papel funcional de recobrir a nudez. Com o domínio do pragmático, o sujeito tem um propósito que a roupa lhe permite realizar e, assim, a roupa lhe presta um serviço e a relação entre corpo e roupa dão-se em função de propósitos que ambos realizam. Não chama a atenção nem para o corpo e nem para a roupa e o estado patêmico é o do corpo se sentir à vontade na roupa (OLIVEIRA, 2007, p. 33).

FIGURA 3 – FOTOMONTAGEM DAS IMAGENS ANALISADAS – CORPO



FONTE: Elaboração própria com base em imagens publicadas no *Instagram*, 2020.

Marta, que chegou a ficar conhecida por sua coleção de *tailleur*, sobretudo o modelo vermelho usado nos anos 2000 durante campanha eleitoral pelo Partido dos Trabalhadores

– PT, ressurgem de moletom (Fig. 3, Im. B) optando pelo conforto, assim como Manuela em seu robe de pelúcia (Fig. 3, Im. A). Nesses dois casos o formante matérico dos trajes produz o efeito de maciez, delicadeza e suavidade, em oposição ao encorpado e angulado traje social, como se o traje informal representasse a alternativa à velha política figurativizada pelo traje formal.

Ao passo que os espaços oficiais da política são duros, frios, sóbrios, retilíneos, restritos e ásperos, o espaço doméstico é flexível, caloroso, colorido, sinuoso, permeável e confortável, traços plásticos distintos, mas que em alguns momentos se interpenetram. Semelhante raciocínio sobre a plástica dos espaços se emprega ao vestuário, por isso a *loungewear* ou mais popularmente "roupa de ficar em casa" figura como traje indispensável para composição da *mise-en-scène* do homem comum. Os trajes em moletom, bermudas, regatas, roupas esportivas em tecido tactel, camisetas e chinelos têm em comum a qualidade de serem confortáveis.

Mais adiante discutiremos como a oposição entre traje informal e formal, ambiente doméstico e institucional reforçam igualmente o sentido opositivo entre homem comum e político tradicional, nova e velha política. Assim, a roupa cumpre um papel ao vestir o corpo, podendo o sujeito vestir-se para si, vestir-se pela roupa, vestir-se com fins práticos ou vestir-se com fins simbólicos. Em grande parte das situações, o homem comum parece vestir-se com fins práticos criando um simulacro com o vestuário do povo.

O ex-presidenciável João Amoedo (Fig. 3, Im. C), que posa em roupa de mergulho confeccionada em tecido neoprene, de longe parece impermeável como o material do traje, já que a elasticidade da malha e seu potencial de regular a temperatura tornam o vestuário extremamente confortável e flexível. Os calções do tipo *shorts*, conforme assinala o termo em inglês, são uma versão mais curta do que as bermudas (Fig. 3, Im. D, E e F). Algumas versões não possuem bolsos, são confeccionadas em tecidos leves e seu uso está frequentemente associado às práticas esportivas ou momentos de lazer, exatamente devido ao seu conforto. O que notamos é uma recorrência do uso desses trajes, que embora apresentem características matéricas e cromáticas diferentes, produzem o mesmo sentido, a isotopia temática da flexibilidade, intimidade e simplicidade, manifestadas nesses arranjos plásticos e figurativos no plano da expressão. Embora crie efeitos de despreensão e espontaneidade, as roupas nestes casos vestem e investem os sujeitos de valores tanto quanto nas opções de vestuário formal.

Trajando uma camisa de time amarrotada que acentua seu abdômen avantajado, postura relaxada e usando bermuda que deixa à mostra a perna (Fig. 3, imagem I), Bolsonaro age amistosamente. Topologicamente, a distância em que o registro é feito parece tão pequena quanto o efeito de proximidade que a imagem cria em relação ao enunciário. Todavia não se trata apenas do dispositivo plástico, mas do sentido que emerge da figuratividade da camisa de time, item recorrente no vestuário do presidente.

Ora, sabe-se que vestir a camisa do time pelo qual se torce é um hábito corriqueiro no Brasil, não apenas quando se assiste aos jogos no estádio ou na televisão, mas também em muitos outros momentos da vida cotidiana: na rua, no parque, no bar, no supermercado. Ou seja, estamos diante de uma prática "comum", "ordinária", que reafirma o pertencimento a uma coletividade através da "encarnação" de um símbolo socialmente compartilhado

(Toledo, 2019). Renovando e conferindo prestígio a um gesto cumprido cotidianamente por milhões de brasileiros comuns, Bolsonaro se coloca no mesmo nível destes últimos. Mais do que isso: não há, entre ele e o "povo", nenhuma solução de continuidade. Pelo contrário, há a simulação de um corpo a corpo estésico que cria contágio e adesão. Bolsonaro é o povo e o povo é Bolsonaro. Em certo sentido, pode-se dizer que Bolsonaro é "todos" e "ninguém". É um anônimo, na acepção literal do termo, alguém "sem nome", que não revela particularidade que o diferenciam das pessoas ordinárias. É um líder "banal", um homem "qualquer" que, como todos homem qualquer, senta-se em frente à televisão para assistir seu time jogar enquanto xinga os torcedores adversários no *Facebook* ou no *Instagram*.

O gesto de Freixo ao repuxar a camisa para evidenciar o brasão do time que está impresso sobre a região do coração (Fig. 3, Im. G), ilustra bem a paixão pelo esporte. O uso de camisas de time por políticos, os posiciona na condição de um simples torcedor, portanto que sofre, vibra e torce pelo seu time do coração (Fig. 3, Im. H, I e J). Tendo em vista ser o futebol uma paixão brasileira, registros como esses promovem espelhamento recíproco com os seguidores nas redes sociais a partir de um forte apelo emocional.

Em alguns registros (Fig. 3, Im. K, L, M e N), Bolsonaro adentra os espaços oficiais da política sem troca de roupa, o homem comum e o político se confundem e geram confusão. Em uma das ocasiões o vemos sentado em uma poltrona de algum cômodo do palácio do planalto lendo um documento (Fig. 3, Im. K) e, em sua companhia, algum membro do governo usando trajes de alfaiataria, enquanto ele usa calça estilo tadel, camiseta polo e um par de chinelos. Frente a frente, temos o visitante trajando terno escuro, par de sapatos lustrados, mãos sobrepostas e juntas ao corpo. Do outro lado, o presidente traja roupa esporte, e tem calcanhar e dedos dos pés visíveis. Há um contraste entre os dois corpos, assim como entre o corpo de Bolsonaro e o cenário, o que reforça o sentido de um corpo que nega os protocolos da política. Então, em aparições como essa, Bolsonaro subverte as regras do universo político institucional, a nudez dos pés calçando chinelos, o par de bermudas e trajes esportivos impactam pela imprevisibilidade de ver um chefe de Estado em situações e espaços formais investido de tanta informalidade; desse modo seu corpo assume um caráter acidental, um corpo fora de lugar, por isso mais autêntico, contudo bufonesco (LANDOWSKI, 2014).

A imagem demasiadamente simples desse homem comum conflita com a sofisticação da arquitetura e mobiliário do Palácio da Alvorada, o revestimento em mármore negro, o assoalho de madeira encerado e os espelhos criam o cenário necessário para identificação do espaço enquanto o palácio que se propõe ser para a morada da maior autoridade política do país. A edificação que é obra de Oscar Niemeyer foi decorada pelo próprio arquiteto e sua esposa Anna Maria Niemeyer nos anos 60, sendo tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio e símbolo nacional de poder – o palácio presidencial não deve sofrer alterações que incorram em sua descaracterização como ocorreu durante o governo de Michel Temer (CASA VOGUE, 2017). Nesses registros não temos a descaracterização patrimonial do espaço, mas a inclusão de um corpo alheio a esse universo, um modo de presença incomum, que por ali estar e compor o conjunto, indiretamente o confronta e modifica.

Em um dos cômodos do palácio, Bolsonaro surge na ponta de uma mesa durante reunião com ministros para tratativa de questões relacionadas à Reforma da Previdência, conforme a legenda da postagem (Fig. 3, Im. M); entre eles está o atual ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Portanto, trata-se de uma atividade oficial e parte da agenda do presidente, os participantes trajam roupa social como de costume, à medida que ele usa uma camisa de time de futebol. Seu corpo posicionado no centro da imagem ladeado por membros do governo assinala sua posição de liderança, a sobriedade do ambiente se sustenta pelo cromatismo predominante nos tons de marrom do mobiliário em madeira, e na escala entre o branco e o preto dos trajes, cortina e demais objetos. Toda a formalidade do espaço e da ocasião é "interrompida" pela figura de Bolsonaro trajando uma camisa esportiva verde, novamente um corpo alheio. Tal regime de presença se repete durante outras reuniões (Fig. 3, Im. L e N) – Bolsonaro transgride os territórios com seus trajes tanto por serem impróprios às ocasiões, quanto pela troca constante que faz das camisas de time, contudo seu comportamento não parece ser interpretado como o de um "vira casaca" no futebol ou mesmo na política, mas como o "presidente de todos."

Ao vestir uniformes de diferentes clubes, principalmente das localidades que visita, Bolsonaro reveste seu corpo com diversas cores e insígnias representativas das regiões do país, e o sincretismo entre essa formação plástica e seu discurso verbal tem o poder de reafirmar a ideia de um "todo", da nação enquanto sujeito coletivo, do slogan "O meu partido é o Brasil". Nesse contexto, quanta mais camisas ele usar, mais próximo estará dessa totalidade.

Regimes de interação e sentido

Sobre o modo como alguns políticos têm se mostrado nas redes sociais, sobretudo como visibilizam seus corpos e o que vestem, temos que esse modo de presença anuncia a ruptura de uma interação regida pelo distanciamento, e a emergência de uma relação de ordem estética. O enunciatário sente-se como parte do momento registrado e postado na rede social, uma vez que se reconhece, por exemplo, no corpo, aparência e roupas do enunciador. O corpo outrora intangível, agora é acessível e tocável, inclusive, por meio da tecnologia *touch screen* dos *smartphones*.

Ao se mostrarem como pessoas de "verdade", "gente como a gente", essas imagens promovem um tipo de interação em que o valor está no encontro, na união, o corpo experimenta o corpo do outro, ou seja, o sentido emerge do contato, em um fazer sentir. O regime do ajustamento, portanto, se funda na lógica da união que "dá conta de processos de emergência do sentido e do valor que resultam diretamente das relações de copresença sensível, face a face ou corpo a corpo, entre actantes dotados de uma competência estética" (LANDOWSKI, 2014, p. 18). Enquanto na lógica da junção, "a compreensão do mundo passa pelo deciframento de formas que, verbais ou não, são consideradas como equivalentes a outros tantos textos que, supostamente, quereriam dizer-nos qualquer coisa" (LANDOWSKI, 2014, p. 13). Assim, acreditamos que o modo de presença do homem comum se funda no regime do ajustamento, nas interações em que os indivíduos buscam descobrir uma forma de realização mútua (LANDOWSKI, 2014, p. 54), ajustar-se um ao outro: "as relações sensíveis que os unem não são mais para "liquidação da falta" ou da "satisfação das necessidades

peçoais", não há planejamento prévio, do contrário a relação se reduziria simplesmente a fins programáticos ou manipulatório."

Ainda assim, notamos que em alguns momentos o sujeito político publicamente encena um corpo inesperado, um regime de presença inoportuno, por vezes hostil e até caótico. As aparições de Bolsonaro com trajes informais em espaços formais da política, pode inclusive apresentar esse caráter disfórico. Todavia seu corpo acidental parece produzir um efeito de espontaneidade ao se mostrar imprevisível, ou melhor, não ensaiado, supostamente não teatralizado. Esse regime de interação não permite previsibilidade ou compreensão, rompe com qualquer programação, remete à dimensão do absurdo, ao sem sentido, em termos de papel temático seria a posição do actante *joker* (LANDOWSKI, 2014).

Desse modo, temos que as estratégias de autenticidade são construídas por dois regimes narrativos de interação e sentido: manipulação e acidente. Neste caso a manipulação apresenta um caráter híbrido, em que se combinam o sensível e o inteligível promovendo uma manipulação por contágio estésico. Como procuramos mostrar em Demuru, Oliveira e Cuevas-Calderón (2021), as estratégias de produção da autenticidade que se fundam no regime do acidente assim como no da manipulação são construídas a partir de uma mesma lógica estésico-impressiva. Ou seja, o enunciatário é sensivelmente impactado e contagiado. Neste caso, "a adesão ao discurso do líder é baseada, neste caso, em um princípio de ordem afetiva, que se impõe como uma nova base para a crença política, ou, antes, crenças apolíticas e antipolíticas" (DEMURU; OLIVEIRA; CUEVAS-CALDERÓN, 2021, p. 23).⁴

Conclusões

Esse ensaio buscou demonstrar como um olhar semiótico poderia contribuir mais aos estudos da comunicação, em especial para a ampliação da discussão acerca das estratégias discursivas de produção de autenticidade no campo político, sobretudo aquelas empregadas no ambiente das redes sociais digitais. Temos que os resultados obtidos, analisados e discutidos aqui confirmam nossa hipótese acerca das estratégias plásticas e figurativas efetivadas no corpo e no vestuário para construção de um efeito de sentido alicerçado no tema da autenticidade. Essas imagens amadoras que dão visibilidade às pequenas ações do cotidiano e expõem corpos normais e imperfeitos vestindo trajes despojados, explorando os ângulos corporais, gestos e expressões faciais das mais diversas formas, "se mostram não como políticos, mas como pessoas 'de verdade', homens em carne e osso que comem, bebem, engordam, emagrecem, tomam sol, mergulham, sofrem, morrem." (DEMURU, 2020, p.18).

Por sua vez, esse modo de exposição promove um tipo de interação que aproxima as entidades discursivas, porque seus corpos comuns rompem com a expectativa sobre o corpo institucional da política. Segundo Demuru (2020, p. 18): "uma intencionalidade estratégica que visa alcançar a popularidade e o consenso político através de uma comunicação estésica,

⁴ "La adhesión al discurso del líder se funda, en este caso, en un principio de orden afectivo, que se impone como nueva base de la creencia política o, mejor dicho, de las creencias no-políticas y antipolíticas."

sensível, 'epidérmica', no sentido quase literal do termo." Como vimos, ao recorrerem às estratégias fundadas em expressões somáticas e vestimentárias, o sujeito se mostra menos político e se apropria das características do cidadão comum brasileiro, ele opera um tipo de mimetismo, estratégia que se funda no regime do ajustamento e representa bem a demagogia populista contemporânea e a retórica da suposta democracia "direta" (DEMURU; SEDDA, 2020). Sem a pretensão de elucidar todas as questões acerca do tema, por enquanto encerramos este ensaio, assinalando a importância de se realizarem novas investigações no intuito de compreender a produção de discursos de autenticidade enquanto estratégia política nas redes sociais digitais.

Referências

AMADO, Guilherme. **Esquerda acolhe Joice Hasselmann**. Época. 11 nov. 2019. Disponível em: Acesso em: 15 jul. 2020.

BARTEZZAGHI, Stefano. **Banalità**. Milano: Bompiani, 2019.

CASA VOGUE. **Michel e Marcela Temer descaracterizaram decoração do Palácio da Alvorada**. Revista Casa Vogue. 13 jan. 2017. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edificios/noticia/2017/01/michel-e-marcelatemer-mudam-decoracao-do-palacio-da-alvorada.html>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DEMURU, Paolo. **A Carne Medial da Política: Corpo e contágio na era do populismo digital**. XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande -MS, 23 a 25 de junho de 2020. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2020.

DEMURU, Paolo. **Gastropopulism: a sociosemiotic analysis of politicians posing as "the everyday man" via food posts on social media**. *Social Semiotics*, 31(3), 2021, p. 507-527. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10350330.2021.1930800>.

DEMURU, Paolo; SEDDA, Franciscu. **Il corpo social-ista**. *Actes Semiotiques*. N. 13, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6516>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DEMURU, Paolo; OLIVEIRA, Felipe Pimenta Rodrigues; CUEVAS-CALDERÓN, Elder. **Regímenes de corporeidad y producción de sentido en el discurso visual de Bolsonaro: exploraciones sociosemióticas**. *Comunicación y Sociedad*, p. 1-27, 2021. DOI: 10.32870/cys.v2021.7949. Disponível em: <http://comunicacionysociedad.cucsh.udg.mx/index.php/comsoc/article/view/e7949>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DIEHL, Paula. **The body in populism**. In: HEINISCH, Reinhard; HOLTZ-BACHA, Christina; MAZZOLENI, Oscar (orgs). *Political populism: a handbook*, Baden-Baden: Nomos Verlagsgesellschaft, 2017, p. 361-372.

FISHER, Sandra; VAZ, Aline. Populismo no Brasil de contrapositores: manipulação do autêntico e profanação do contrário. **Agenda Política**, 8(1), 2020, 131-156. <https://doi.org/10.31990/agenda.2020.1.5>.

FLOCH, Jean-Marie. **Semiótica plástica e linguagem publicitária**. Trad. port. José Luiz Fiorin. Revista Significação, p. 29-50, 1987.

GERBAUDO, Paolo. **Populism 2.0**: Social media activism, the generic Internet user and interactive direct democracy. In FUCHS, Christian; TROTTIER, Daniel (orgs). *Social Media, Politics and the State: Protests, Revolutions, Riots, Crime and Policing in the Age of Facebook, Twitter and YouTube*, London: Taylor and Francis, 2014, p. 67-87.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e plástica. **Significação**: Revista Brasileira de Semiótica, Nº 4 - Junho de 1984.

HASSELMANN, Joice. **Como emagreci 15kg em 5 meses**: parte 1. São Paulo, 31 jul. 2020. Instagram: @joicehasselmannoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CDU09hAJ-tW/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 10 de ago. 2020.

ISTOÉ. **Joice Hasselmann afirma ter contraído Covid-19**: "Doença e pneumonia viral". Isto é, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/joice-hasselmann-afirma-tercontraido-covid-19-doenca-e-pneumonia-viral>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2016.

LANDOWSKI, Eric. **Crítica semiótica do populismo**. Galáxia (São Paulo, online), n. 44, mai-ago, 2020, p. 16-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n44/1982-2553-gal-44-0016.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

LOPES, Nathan. **Emocionado, Bolsonaro diz que nova cirurgia “faz parte da vida”**. Portal UOL, 1º set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimasnoticias/2019/09/01/bolsonaro-cirurgia-faz-parte-da-vida.htm>. Acesso em: 05 jun. 2020.

O ESTADO DE S. PAULO. **Romário faz cirurgia, aparece magro em fotos e impressiona; confirma.** Jornal O Estado de S. Paulo, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,romario-faz-cirurgia-aparece-magro-emfotos-e-impressiona-confira,70001639558>. Acesso em: 15 mar. 2020.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Semiótica plástica ou semiótica visual?** In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de. (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p.11-25.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Nas interações corpo e moda, os simulacros.** In: XIII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2007, São Paulo - SP. CD-Rom do XIII Caderno de textos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Documentos do Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2007. v. 1. p. 1-20.

SANTOS, Bárbara Ferreira. **Vestidos para vencer:** como o visual afeta as eleições. Exame, 02 out. 2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vestidos-para-vencercomo-o-visual-afeta-as-eleicoes>. Acesso em: 02 jun. 2020.

SARZI, Lucas. **Joice Hasselmann perde 15 kg e fala de reeducação alimentar no Instagram.** 10 ago. 2020. Disponível em: <https://ricmais.com.br/entretenimento/famosos/deputada-joyce-hasselmannemagreceu-dieta>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SEDDA, Franciscu; DEMURU, Paolo. La rivoluzione del linguaggio social-ista: umori, rumori, sparate e provocazioni. **Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio**, 13(2), 2019. Disponível em: <https://bityli.com/tMB0T2>. Acesso em: 4 set. 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique. (In)Vestindo camisas de futebol: moda e agência na produção das emoções torcedoras. **Dobras**, v. 12, n. 27, 2019, p. 32-46.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Estatísticas eleitorais.** 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>. Acesso em: 1 set. 2020.

VEJA. Vigitel: **55% dos brasileiros estão acima do peso.** Veja, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/vigitel-55-dos-brasileiros-estao-acimado-peso>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Agradecimentos

Revisora do texto: Cristine Vecchi, Doutora em Comunicação, Universidade Paulista, PPGCOM